



**DO INSTRUMENTAL AO RELACIONAL: O CONFLITO ENTRE A ECONOMIA
EXTRATIVISTA E A COSMOVISÃO YANOMAMI**

**FROM INSTRUMENTAL TO RELATIONAL: THE CONFLICT BETWEEN THE
EXTRACTIVE ECONOMY AND THE YANOMAMI COSMOVISION**

**DE LO INSTRUMENTAL A LO RELACIONAL: EL CONFLICTO ENTRE LA
ECONOMÍA EXTRACTIVA Y LA COSMOVISIÓN YANOMAMI**



10.56238/sevenVIIImulti2026-053

Mateus Nascimento Silva

Graduando em Licenciatura em Geografia

Instituição: Universidade Regional do Cariri (URCA)

E-mail: mateusnascimentosilva206@gmail.com

RESUMO

Este artigo investiga a colisão ontológica entre a cosmovisão Yanomami e a lógica instrumental do capital, analisando como esse choque resulta em uma crise humanitária e ambiental. Através de uma abordagem dialética e da triangulação de dados de monitoramento territorial e epidemiológico entre 2018 e 2025, o estudo demonstra a instauração de um regime de necropolítica decorrente da invasão garimpeira. Os resultados evidenciam a gravidade da contaminação por mercúrio e da degradação hídrica, mas também a eficácia das recentes ações estatais de desintrusão: dados de 2025 apontam uma redução de 92% na abertura de novas áreas de garimpo e uma queda de 68% nos óbitos por desnutrição. Conclui-se que a integridade da Urihi (terra-floresta) é a variável determinante para a saúde pública dos povos Yanomami, validando empiricamente o modo de vida indígena e o xamanismo não apenas como cultura, mas como formas eficientes de governança ambiental e sobrevivência coletiva.

Palavras-chave: Yanomami. Necropolítica. Garimpo Ilegal. Desmatamento. Floresta.

ABSTRACT

This article investigates the ontological collision between the Yanomami worldview and the instrumental logic of capital, analyzing how this clash results in a humanitarian and environmental crisis. Through a dialectical approach and the triangulation of territorial and epidemiological monitoring data between 2018 and 2025, the study demonstrates the establishment of a necropolitical regime resulting from the illegal mining invasion. The results highlight the severity of mercury contamination and water degradation, but also the effectiveness of recent state actions to remove illegal miners: data from 2025 indicate a 92% reduction in the opening of new mining areas and a 68% decrease in deaths from malnutrition. It concludes that the integrity of the Urihi (land-forest) is the determining variable for the public health of the Yanomami people, empirically validating the indigenous way of life and shamanism not only as culture, but as efficient forms of environmental governance and collective survival.

Keywords: Yanomami. Necropolitics. Illegal Mining. Deforestation. Forest.

RESUMEN

Este artículo investiga la colisión ontológica entre la cosmovisión yanomami y la lógica instrumental del capital, analizando cómo este choque deriva en una crisis humanitaria y ambiental. Mediante un enfoque dialéctico y la triangulación de datos de monitoreo territorial y epidemiológico entre 2018 y 2025, el estudio demuestra el establecimiento de un régimen necropolítico derivado de la invasión minera ilegal. Los resultados destacan la gravedad de la contaminación por mercurio y la degradación del agua, pero también la eficacia de las recientes acciones estatales para erradicar a los mineros ilegales: los datos de 2025 indican una reducción del 92 % en la apertura de nuevas áreas mineras y una disminución del 68 % en las muertes por desnutrición. Concluye que la integridad del Urihi (tierra-bosque) es la variable determinante para la salud pública del pueblo yanomami, validando empíricamente el modo de vida indígena y el chamanismo no solo como cultura, sino como formas eficientes de gobernanza ambiental y supervivencia colectiva.

Palabras clave: Yanomami. Necropolítica. Minería Ilegal. Deforestación. Bosque.

1 INTRODUÇÃO

1.1 A DIALÉTICA ENTRE A COSMOVISÃO INDÍGENA E A LÓGICA DO CAPITAL

O povo Yanomami, habitante milenar da vasta e densa floresta tropical que se estende pela fronteira entre o Brasil, Peru, Venezuela, Colômbia, Bolívia, Guiana, Suriname, Equador e Guiana Francesa, representa uma das maiores e mais notáveis sociedades indígenas culturalmente intactas do mundo. Sua existência, entrelaçada com o ecossistema amazônico, oferece uma perspectiva sobre formas alternativas de organização humana. Este texto propõe mergulhar no modo de vida Yanomami, explorando a sua cultura, sua cosmologia e religiosidade.

A subsistência dos Yanomami é baseada em uma combinação de horticultura, caça, coleta e pesca, demonstrando um conhecimento botânico e zoológico. A vida social se desenrola em torno da shabono¹, a grande casa comunitária circular, que simboliza a unidade e a interdependência do grupo. No coração de sua visão de mundo está a conexão espiritual com a natureza, onde o cosmos é povoado por espíritos que devem ser contatados e apaziguados pelos xamãs². Essa religiosidade permeia todas as atividades, desde a cura até as decisões comunitárias, estabelecendo um sistema ético e social que prioriza o equilíbrio e a reciprocidade.

Esse modo de vida tradicional e autossuficiente entra em contraste com o sistema capitalista global. Enquanto a cultura Yanomami valoriza a acumulação de conhecimento ancestral, a sustentabilidade e o bem-estar coletivo sobre a posse material, o capitalismo é impulsionado pela expansão contínua, pela extração desenfreada de recursos e pela acumulação de capital. Esta disparidade ideológica se manifesta de forma brutal e destrutiva através do ataque às terras Yanomami. A invasão ilegal por garimpeiros e madeireiros, incentivada pela busca por ouro e outros recursos valiosos, não é apenas uma violação territorial, mas um assalto direto à sua base de vida, à sua saúde (com a introdução de doenças e contaminação por mercúrio) e, fundamentalmente, à sua estrutura cultural e espiritual. Ao examinar a resiliência e a luta dos Yanomami, este texto busca iluminar a urgência da proteção de territórios e culturas indígenas como baluartes contra uma lógica de desenvolvimento que destrói em nome do lucro.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem de natureza predominantemente qualitativa, apoiada por métodos quantitativos descritivos, estruturada para analisar a complexidade da crise socioambiental na Terra Indígena Yanomami. O delineamento epistemológico fundamenta-se no método dialético, utilizado como ferramenta analítica para confrontar dois modelos de mundo

¹ Casa comunitária dos yanomamis.

² Líderes religiosos e espirituais.

antagônicos: a ontologia relacional Yanomami, que concebe a terra-floresta (Urihi) como sujeito de direitos, e a lógica instrumental capitalista, baseada na extração e acumulação.

Essa tensão dialética é interpretada à luz do conceito de Necropolítica, de Achille Mbembe (2018), categoria que permite examinar como a omissão estatal e a violência ambiental não constituem meros acidentes de gestão, mas configuram uma política deliberada de exposição de populações específicas à morte.

Para sustentar a análise teórica, o referencial bibliográfico foi selecionado de modo a fornecer ferramentas hermenêuticas para cada polo do conflito. A compreensão da "gestão ecológica" e da cosmologia indígena baseia-se na obra *A Queda do Céu* (Kopenawa e Albert, 2015), tratada nesta pesquisa como fonte primária sobre a ética da reciprocidade entre humanos e não humanos. Concomitantemente, recorre-se às contribuições da antropologia e sociologia, notadamente de autores como Viveiros de Castro (2013) e Laraia (1986), para discutir a separação ocidental entre natureza e cultura e contrastá-la com o perspectivismo ameríndio.

A validação empírica da análise procedeu-se através da análise documental e da revisão de dados secundários, abrangendo o recorte temporal de 2018 a 2025, período selecionado para abranger tanto o agravamento da invasão garimpeira quanto às subsequentes ações de desintrusão estatal. O corpus documental foi constituído pela triangulação de três eixos de evidência: o monitoramento territorial, a toxicologia epidemiológica e os relatórios de gestão pública. No âmbito territorial, foram examinados dados de sensoriamento remoto do MapBiomas e do Instituto Socioambiental, que evidenciam a pressão sobre os recursos hídricos, apontando que 77% dos garimpos na Amazônia situam-se a menos de 500 metros de cursos d'água, e o crescimento de 309% no desmatamento ilegal observado até o ano de 2022.

No que tange aos impactos biológicos, a pesquisa incorporou levantamentos toxicológicos da Fiocruz e do Ministério da Saúde publicados em 2024, os quais identificaram níveis de contaminação por mercúrio superiores ao limite de segurança de $2,0\mu\text{g/g}$ em 84% das amostras coletadas em aldeias impactadas. Por fim, para avaliar a eficácia das políticas de retomada territorial, foram analisados relatórios técnicos do IBAMA e do Governo Federal consolidados em 2025, que atestam uma redução de 92% na abertura de novas áreas de garimpo e uma consequente queda de 68% nos óbitos por desnutrição.

A análise final realizou-se pelo cruzamento desses indicadores técnicos com o discurso nativo, validando a hipótese de que a preservação da ontologia Yanomami atua como variável determinante para a sustentabilidade ecológica e sanitária da região.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 A COSMOVISÃO YANOMAMI: CULTURA, XAMANISMO E GESTÃO ECOLÓGICA

Em sua essência, a cultura compreende o conjunto complexo de padrões de comportamento, crenças, instituições sociais, manifestações artísticas e demais criações humanas que são socialmente transmitidas e que singularizam uma comunidade ou sociedade (Carvalho; Nunes, 2023; Santos, 1996; Vitoria; Emmendoerfer, 2024) Constitui o modo de vida de um povo, sendo fundamentalmente aprendida, e não inata. Sua transmissão ocorre de geração em geração por intermédio de processos de socialização e enculturação, os quais modelam profundamente a percepção individual do mundo, as interações sociais e a expressão identitária (Carvalho; Nunes, 2023; Santos, 1996). A cultura caracteriza-se, ainda, por ser dinâmica, estando, portanto, em constante mutação e adaptação a novas realidades e influências (Silva, 2013).

A cultura dos povos Yanomami, por exemplo, encontra-se intrinsecamente vinculada à transmissão de conhecimentos por intermédio da fala, dos gestos e de rituais sagrados (Kopenawa; Albert, 2015). O xamanismo Yanomami, pilar central de sua cosmovisão, preconiza que cada criatura, pedra, árvore e montanha possui um espírito (Kopenawa; Albert, 2015). Tal crença profunda na espiritualidade inerente a todos os elementos naturais induz os Yanomami a desenvolver um respeito igualmente profundo e abrangente pelo ambiente (Kopenawa; Albert, 2015). A natureza, nesse contexto, não é concebida como um mero recurso a ser explorado indiscriminadamente, mas sim como um sistema complexo e interconectado de seres, do qual os humanos fazem parte e do qual dependem integralmente (Kopenawa; Albert, 2015).

Os xamãs, figuras centrais na sociedade Yanomami, por meio de suas visões e interações com o mundo real e espiritual, acumulam um vasto conhecimento sobre a ecologia da floresta, as propriedades medicinais e nutritivas das plantas, o comportamento dos animais e os ciclos naturais; este conhecimento ancestral possui importância vital para a subsistência sustentável da comunidade e para a gestão equilibrada dos recursos naturais (Kopenawa; Albert, 2015). As práticas xamânicas frequentemente incluem rituais específicos e tabus rigorosos que regulam a caça, a pesca e a coleta, evitando a sobre-exploração de espécies e a degradação de ecossistemas específicos (Kopenawa; Albert, 2015).

A comunicação com os espíritos da floresta, guiada pelos xamãs, pode orientar as decisões sobre onde e quando coletar ou caçar, assegurando que os recursos sejam utilizados de forma equilibrada e sem esgotamento (Kopenawa; Albert, 2015).

O xamanismo Yanomami não se restringe a ser uma prática religiosa; ele constitui um sistema de conhecimento holístico, uma ética ambiental e uma forma de governança que pauta a relação dos Yanomami com a natureza, promovendo sua preservação por meio de uma profunda interconexão espiritual e ecológica (Kopenawa; Albert, 2015). Ações que prejudicam a natureza são interpretadas

como um desrespeito aos espíritos e podem acarretar doenças, desastres naturais e desequilíbrios cósmicos que afetam toda a comunidade (Kopenawa; Albert, 2015). Assim, a preservação ambiental torna-se uma questão de saúde coletiva e bem-estar para todo o povo Yanomami (Kopenawa; Albert, 2015).

Em síntese, a conexão do xamanismo Yanomami com o meio ambiente é uma simbiose profunda e indissociável (Kopenawa; Albert, 2015). O xamanismo oferece a estrutura ética e epistemológica que orienta a relação do povo Yanomami com a natureza, promovendo a preservação ambiental não como uma ação externa ou um imperativo imposto, mas como um modo de vida intrínseco e essencial para sua própria existência, saúde e bem-estar (Kopenawa; Albert, 2015). É uma expressão viva de como uma cultura pode integrar a espiritualidade, o conhecimento empírico e a responsabilidade ecológica em um tecido social coerente e sustentável.

3.2 ACUMULAÇÃO POR ESPOLIAÇÃO: A NECROPOLÍTICA E A DEGRADAÇÃO DA URIHI

O conflito territorial, sanitário e social que se desenrola na Terra Indígena Yanomami é a manifestação empírica da incompatibilidade entre dois modelos de mundo: um fundamentado na vida em equilíbrio, e outro, na acumulação por espoliação, onde o acesso ao recurso é obtido pela violência explícita contra o território e seus habitantes, configurando uma ameaça de ordem ecológica, sanitária e necropolítica³ (Mbembe, 2018; Krenak, 2020).

A primeira e mais palpável evidência do impacto é a violência física imposta, que a lógica exploratória reduz a um mero volume de terra a ser processado (Santos, 2014).

O desmatamento transcende a simples remoção de árvores; ele representa, na visão do povo Yanomami, a abertura de chagas no “corpo vivo da floresta”⁴, violando o princípio ontológico da Urihi (a terra floresta) (Albert; Milliken, 2019).

A atividade garimpeira exige a derrubada da vegetação para a instalação de infraestrutura, acampamentos, estradas e pistas de pouso clandestinas, que servem como principais vias de mobilidade e logística para os invasores (IBAMA, 2021; Oliveira, 2023; Raquel, 2021). Relatórios de monitoramento apontam que o desmatamento decorrente do garimpo ilegal na terra dos yanomami sofreu um aumento alarmante de 309% no intervalo entre outubro de 2018 e dezembro de 2022 (Equipe ISA, 2023), refletindo a aceleração da atividade extrativista. Embora a intensa ação federal de desintrusão tenha gerado resultados positivos, com uma redução reportada de até 92% na abertura de

³ O conceito de Necropolítica, proposto pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2018), designa o exercício do poder soberano que consiste em determinar quem pode viver e quem deve ser ativamente exposto à morte. No texto, a necropolítica é utilizada para analisar a crise Yanomami, onde a omissão estatal e a violência extrativista configuram uma política de exposição deliberada da população indígena a condições letais (contaminação por mercúrio, desnutrição, doenças, violência social), comprometendo sua integridade e continuidade.

⁴ Para o povo Yanomami, a floresta é um ser vivo, muito além de um ser individual, a floresta é entendida como entidade de abrangência coletiva, abarcando todos os indivíduos e seres vivos (Albert; Milliken, 2019).

novas áreas de garimpo entre 2022 e 2024 (Câmara dos Deputados, 2024), o dano acumulado permanece. As áreas atingidas em 2023, apesar da intervenção, totalizaram 5.432 hectares, demonstrando que a atividade ilegal persistiu, abrindo novas frentes de desmatamento em regiões críticas (Instituto Socioambiental, 2024).

Em complemento à destruição da cobertura vegetal, a exploração concentra-se nas margens dos rios, essenciais para a locomoção e a subsistência, a exploração da terra para a busca de ouro concentra-se, predominantemente, em áreas de aluvião e nas proximidades de cursos d'água, 77% das áreas de garimpo na Amazônia estão a menos de 500 metros de algum corpo d'água (MapBiomass, 2024). Essa proximidade, necessária para a lavagem do sedimento, intensifica a erosão devido à remoção da cobertura vegetal. O material desprendido é então carreado para os rios, resultando no assoreamento em larga escala dos leitos, igarapés e lagos. O assoreamento não só aumenta a turbidez da água, tornando-a imprópria para consumo e navegação, como também altera o regime de fluxo dos rios, destruindo os habitats aquáticos e as áreas de desova (Oliveira, 2023). 59% dos rios habitados pelos Yanomami já sofrem algum impacto do garimpo (Dantas; Zuker, 2023).

A devastação física é acompanhada pela introdução de um agente de contaminação persistente e sistêmica: o mercúrio elementar, utilizado no processo de amalgamação do ouro, uma vez liberado nos rios, o mercúrio é convertido em metil-mercúrio, uma forma orgânica e neurotóxica que sofre bioacumulação e biomagnificação nos peixes, principal base alimentar Yanomami (Agência GOV, 2024).

Estudos recentes, em aldeias assediadas pelo garimpo, mostram que todos os participantes de nove aldeias Yanomami analisadas apresentaram algum nível de contaminação por mercúrio, a pesquisa demonstrou que 84% das amostras de cabelo estavam acima de 2,0 $\mu\text{g/g}$ ⁵, o limite de segurança da Organização Mundial da Saúde. Mais criticamente, 10,8% das amostras excederam o índice de alta preocupação de 6,0 $\mu\text{g/g}$ (Agência GOV, 2024). O mercúrio, portanto, transforma-se de ferramenta extrativista em um agente de destruição biológica e neurológica, comprometendo a capacidade cognitiva das novas gerações e a transmissão do conhecimento cultural, o que representa um ataque direto à própria continuidade do povo Yanomami (Agência GOV, 2024).

A destruição da subsistência, com rios assoreados e peixes contaminados, e o afastamento da fauna de caça devido ao barulho do maquinário, forçando os indígenas a percorrer longas distâncias, somam-se a este cenário, o resultado é a quebra da segurança alimentar e a emergência de graves índices de desnutrição infantil e severa, que, por sua vez, reduzem drasticamente a resistência imunológica da população, tornando-a altamente vulnerável, o garimpo também introduz o alcoolismo, o aumento da violência e a exploração sexual, desmantelando a estrutura social e moral das aldeias

⁵ A unidade de medida de concentração $\mu\text{g/g}$ (micrograma por grama) indica a proporção de massa de uma substância contida em uma massa maior, seja de outra substância ou de uma mistura.

(Agência GOV, 2024; Oliveira, 2023; Rodrigues; Parreira, 2023). A exposição contínua e a omissão do Estado em face dessa crise humanitária e epidemiológica, que resultou em altas taxas de mortalidade e morbidade, enquadram-se na análise da Necropolítica, onde o poder é exercido através da determinação de quem pode viver e quem deve ser ativamente exposto à morte (Ciscati, 2020; Mbembe, 2018).

3.3 HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO, RESISTÊNCIA TERRITORIAL E AÇÕES DE DESINTRUSÃO

A permanência da Terra Indígena Yanomami como uma das maiores e mais bem conservadas áreas da Amazônia não é um acidente geográfico, mas sim o resultado direto de uma história contínua e emblemática de resistência sociocósmica .

O território do povo Yanomami, de aproximadamente 9,66 milhões de hectares no Brasil é a maior reserva indígena do país, sua dimensão que a torna comparável ao território de Portugal, é o resultado de uma luta política intensa, que culminou em sua homologação no dia 25 de maio de 1992 (Instituto Socioambiental, 2018).

A gênese dessa luta é resultado das primeiras invasões em larga escala ocorridas nas décadas de 1970 e 1980, especialmente após a abertura da rodovia Perimetral Norte e a descoberta de jazidas minerais (Instituto Socioambiental, 2018). A invasão de cerca de 40 mil garimpeiros à época levou a uma crise sanitária e humanitária, com a morte estimada de 1.500 a 1.800 indígenas, sendo o Massacre de Haximu (1993) um marco trágico (Agência Brasil, 2023; Rupp, 2023).

Foi nesse cenário de violência e abandono que emergiu a liderança de xamãs e guerreiros como Davi Kopenawa Yanomami, cuja voz se tornou a principal reivindicação do povo no cenário internacional. Kopenawa articulou a defesa do território com a defesa da própria vida cósmica, traduzindo o desequilíbrio da Urihi em termos políticos e ambientais que mobilizaram a sociedade civil e órgãos internacionais (Kopenawa; Albert, 2015).

A reivindicação Yanomami é tripla: uma luta pela integridade territorial garantida constitucionalmente, uma luta pela soberania alimentar e sanitária frente às epidemias (malária e desnutrição) e uma luta pela integridade moral e social contra a violência, o abuso sexual e o alcoolismo introduzidos pelo garimpo, essa luta alcançou um novo e dramático pico no final da década de 2010 e início de 2020, quando o incentivo ou a omissão estatal criaram um ambiente de Necropolítica, culminando na crise humanitária de 2023 (Instituto Socioambiental, 2018; Mbembe, 2018; Oliveira, 2022; TV Brasil, 2024).

A resposta do Estado a essa crise, através das ações de desintrusão do garimpo ilegal, forneceu dados que quantificam a efetividade da resistência combinada, relatórios recentes (2025) do Governo Federal, amparados por monitoramentos, atestam uma queda na atividade garimpeira, com a área ativa consolidada na terra yanomami sendo reduzida em até 98% em certas áreas, e o prejuízo estimado à

logística do crime alcançando a cifra de centenas de milhões de reais (SECOM, 2025). Mais importante, a eficácia da desintrusão se reflete nos indicadores sociais, com uma redução de 68% nos óbitos por desnutrição e a retomada das atividades de subsistência, como o cultivo de roças, evidenciando a correlação entre a proteção territorial e o bem-estar e a saúde do povo Yanomami (IBAMA, 2025).

3.4 DOIS MODELOS DE MUNDO: O VALOR DA FLORESTA EM PÉ CONTRA A LÓGICA DA MERCADORIA

A cosmovisão capitalista, em sua essência, está ancorada em premissas filosóficas de base antropocêntrica e instrumental, herdadas do dualismo moderno que separa rigidamente o Sujeito (Humano) do Objeto (Natureza) (Laraia, 1986). Nessa perspectiva, a floresta é vista como um "estoque de recursos" (minério, madeira, água) cujo valor é estritamente instrumental, ou seja, seu propósito é ser convertida em mercadoria para gerar capital. Este processo de transformar a vida em mercadoria e de buscar a acumulação de curto prazo e o crescimento exponencial, sacrificando o futuro pela taxa de lucro imediata, é intrínseco e perpétuo no capitalismo (Viveiros de Castro, 2013). O avanço do garimpo ilegal nas terras yanomami é o resultado direto dessa premissa extrativista que prioriza o metal precioso sobre a vida. Ao despersonalizar o rio e a montanha, retirando seus sentidos e sujeitos (Krenak, 2020), a cosmovisão capitalista libera o território para se tornar resíduo da atividade industrial, como evidenciado pelo assoreamento e pela contaminação por mercúrio.

Em contraste direto com este modelo hegemônico, a cosmovisão Yanomami não apenas resiste à exploração, mas propõe um horizonte civilizatório alternativo, pautado em princípios de ecologia, sujeição e reciprocidade. A ontologia Yanomami é relacional e perspectivista, concebendo a Urihi como um corpo vivo e vulnerável, onde a destruição é a doença (Albert; Milliken, 2019). O território possui valor intrínseco e existencial, sendo a condição para a saúde humana e cósmica. Por isso, a vida é concebida como uma interconexão entre múltiplos sujeitos, e a ação humana é mediada pela diplomacia xamânica e pela ética da reciprocidade (Kopenawa; Albert, 2015).

O confronto ideológico entre essas duas visões, uma instrumental (Capitalista) e outra ontológica (Yanomami), é resolvido no plano prático por dados de conservação. A cosmovisão Yanomami, por fundamentar a proteção do território, demonstra-se mais eficiente na preservação dos ecossistemas vitais. Estudos do comprovam que as Terras Indígenas na Amazônia atuaram como barreiras fundamentais contra a degradação e o desmatamento, estocando carbono vital para a regulação climática global (Instituto Socioambiental, 2025). O manejo sustentável Yanomami, ao manter a floresta em pé, gera um valor econômico global em termos de serviços ecossistêmicos (chuvas, estabilidade climática) que sustentam o agronegócio e a economia brasileira; a destruição

promovida pelo capitalismo é, assim, irracional até mesmo em termos de custo-benefício de longo prazo (Instituto Socioambiental, 2025).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

4.1 A VALIDAÇÃO EMPÍRICA DA URIHI COMO IMPERATIVO DE SOBREVIVÊNCIA

A análise dialética conduzida neste estudo, ao confrontar a ontologia relacional Yanomami com a lógica instrumental do capital, revelou que a crise na Terra Indígena Yanomami transcende a disputa fundiária: trata-se da manifestação empírica da incompatibilidade entre as visões de mundo capitalista e dos yanomami. A hipótese inicial de que a violação da cosmovisão indígena resulta em necropolítica foi corroborada pela triangulação dos dados territoriais e epidemiológicos do período de 2018 a 2025.

Sob a ótica da "Antítese" capitalista, a conversão da floresta em recurso mineral mostra-se inviável e destrutiva. Os dados toxicológicos, que apontaram contaminação por mercúrio acima dos limites de segurança em 84% das amostras analisadas, juntamente com a degradação de corpos hídricos vitais, demonstram que a "acumulação por espoliação" gera um passivo biológico irreversível a curto prazo. A exploração desenfreada não trouxe desenvolvimento, mas sim a erosão da base material da vida, confirmando a premissa de Kopenawa e Albert, 2015 de que a destruição da natureza é inseparável da destruição humana.

Por outro lado, os resultados das ações estatais de desintrusão e recuperação territorial (2024-2025) oferecem a validação quantitativa da "Tese" Yanomami. A correlação direta entre a redução de 92% na abertura de novas áreas de garimpo e a queda de 68% nos óbitos por desnutrição evidencia que a integridade da Urihi (a terra-floresta viva) é a variável determinante para a saúde pública dos yanomami. A recuperação dos indicadores sociais, condicionada à retirada dos invasores, mostra que o modo de vida Yanomami possui maior equilíbrio na gestão dos serviços ecossistêmicos do que o modelo extrativista.

Conclui-se, portanto, que a superação da crise exige mais do que a fiscalização policial; demanda o reconhecimento da ontologia Yanomami. O xamanismo e a ética da reciprocidade não devem ser vistos apenas como traços culturais a serem preservados, mas como tecnologias sociais funcionais de governança ambiental. Em última análise, este estudo demonstra que a proteção da Terra Indígena Yanomami não é apenas um dever constitucional ou moral, mas um imperativo pragmático para a manutenção das condições climáticas e biológicas necessárias à sobrevivência coletiva.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Massacre de Haximu completa 30 anos em agosto. Brasília, DF: Agência Brasil, fev. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-02/massacre-de-haxi-mu-completa-30-anos-em-agosto>. Acesso em: 15 nov. 2025.

AGÊNCIA GOV. Yanomamis de nove aldeias estão contaminados por mercúrio. [S. l.]: Agência Gov, 4 abr. 2024. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202404/yanomamis-de-nove-aldeias-assedia-das-pelo-garimpo-estao-contaminados-por-mercurio>. Acesso em: 15 nov. 2025.

ALBERT, Bruce; MILLIKEN, William. Urihi A: a terra-floresta Yanomami. São Paulo: ISA, 2019.

CÂMARA DOS DEPUTADOS (Brasil). Governo aponta redução de 92% de novas áreas de garimpo na Terra Indígena Yanomami. Brasília, DF: Portal da Câmara dos Deputados, 27 ago. 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1091772-governo-aponta-reducao-de-92-de-novas-areas-de-garimpo-na-terra-indigena-yanomami/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

CARVALHO, Anna Karoline Cavalcante; NUNES, Victor Soares. O que é cultura: uma resenha crítica. Revista Científica Humanidades e Inovação, Palmas, TO, v. 10, n. 6, p. 370A-372A, out. 2023. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3410>. Acesso em: 14 nov. 2025.

CISCATI, Rafael. O que é necropolítica. [S. l.]: Brasil de Direitos, 12 jun. 2020. Disponível em: <https://www.brasildedireitos.org.br/actualidades/o-que-necropolitica/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

DANTAS, Carolina; ZUKER, Fábio. Análise inédita revela que 59% dos rios habitados pelos Yanomami sofrem impacto do garimpo e invasões. [S. l.]: InfoAmazonia, 21 jun. 2023. Disponível em: <https://infoamazonia.org/2023/06/21/analise-inedita-revela-que-59-dos-rios-habitados-pelos-yanomami-sofrem-impacto-do-garimpo-e-invasoes/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

EQUIPE ISA. Garimpo ilegal na Terra Yanomami cresceu 54% em 2022, aponta Hutukara. [S. l.]: Instituto Socioambiental, 30 jan. 2023. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/garimpo-ilegal-na-terra-yanomami-cresceu-54-em-2022-aponta-hutukara>. Acesso em: 14 nov. 2025.

IBAMA. Dois anos de ações federais na Terra Yanomami: garimpo ilegal despenca e mortes por desnutrição caem 68%. Brasília, DF: Ibama, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/ibama/pt-br/assuntos/noticias/2025/dois-anos-de-acoes-federais-na-terra-yanomami-garimpo-ilegal-despenca-e-mortes-por-desnutricao-caem-68>. Acesso em: 15 nov. 2025.

IBAMA. Ibama embarga 59 pistas de pouso clandestinas que atendiam garimpo na Terra Indígena Yanomami. Brasília, DF: Ibama, 9 set. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/ibama/pt-br/assuntos/noticias/2021/ibama-embarga-59-pistas-de-pouso-clandestinas-que-atendiam-garimpo-na-terra-indigena-yanomami>. Acesso em: 14 nov. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Amazônia pode perder 2,9 bi t de carbono até 2030 sem proteção de terras. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2025. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/amazonia-pode-perder-29-bi-t-de-carbono-ate-2030-sem-protecao-de-terras>. Acesso em: 16 nov. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Garimpo na Terra Yanomami cresceu 7% em 2023, aponta relatório. São Paulo: Notícias - Povos Indígenas no Brasil, 26 jan. 2024. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/noticias/garimpo-na-terra-yanomami-cresce-u-7-em-2023-aponta-relatorio>. Acesso em: 14 nov. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Yanomami. In: Povos Indígenas no Brasil. São Paulo: ISA, 2018. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>. Acesso em: 15 nov. 2025.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. Amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MAPBIOMAS. 77% do garimpo na Amazônia está a menos de 500 metros da água. [S. l.]: MapBiomas Brasil, 19 abr. 2024. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/2024/04/19/77-do-garimpo-na-amazonia-esta-a-menos-de-500-metros-da-agua/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 80 p.

OLIVEIRA, Jorge Eduardo. Garimpo ilegal: como funciona e quais são os impactos deste crime? [S. l.]: Greenpeace Brasil, 7 mar. 2023. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/garimpo-illegal-e-seus-impactos/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

OLIVEIRA, José Carlos. Terra Yanomami é palco de "tragédia humanitária", dizem especialistas. Brasília, DF: Portal da Câmara dos Deputados, 14 jul. 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/898328-terra-yanomami-e-palco-de-tragedia-humanitaria-dizem-especialistas/>. Acesso em: 15 nov. 2025.

RAQUEL, Martha. Garimpo ilegal desmatou o equivalente a 500 campos de futebol na TI Yanomami em 2020. São Paulo: Brasil de Fato, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/25/garimpo-ilegal-desmatou-o-equivalente-a-500-campos-de-futebol-na-ti-yanomami-em-2020/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

RODRIGUES, Paloma; PARREIRA, Marcelo. Desnutrição atinge cerca de 50% de crianças Yanomami de até 5 anos monitoradas pelo SUS. Brasília: G1, 14 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/02/14/desnutricao-atinge-cerca-de-50percent-de-criancas-yanomamis-de-ate-5-anos-monitoradas-pelo-sus.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2025.

RUPP, Isadora. O garimpo foi expulso da Terra Yanomami em 1992. São Paulo: Nexo Jornal, 24 jan. 2023. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2023/01/24/como-o-garimpo-foi-expulso-da-terra-yanomami-em-1992>. Acesso em: 15 nov. 2025.

SANTOS, Ana Claudia do Nascimento. A relação homem/natureza: a destruição da natureza na sociabilidade capitalista. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/2387>. Acesso em: 14 nov. 2025.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SECOM (Brasil). TI Yanomami: Governo Federal realizou mais de 6 mil ações e R\$ 477 milhões em prejuízo ao garimpo ilegal. Brasília, DF: Secretaria de Comunicação Social, ago. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2025/08/ti-yanomami-governo-federal-realizou-mais-de-6-mil-acoes-e-r-477-milhoes-em-prejuizo-ao-garimpo-ilegal>. Acesso em: 15 nov. 2025.

SILVA, E. F. da. A dinâmica cultural contemporânea e a revalorização da vida. *Revista Kairós Gerontologia*, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 277-286, dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/21379>. Acesso em: 14 nov. 2025.

TV BRASIL. Yanomami - 1 ano de emergência humanitária | Caminhos da Reportagem. [S. l.]: YouTube, 26 fev. 2024. 1 vídeo (25 min 44 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T2yua-UlwTc>. Acesso em: 15 nov. 2025.

VITÓRIA, José Ricardo; EMMENDOERFER, Magnus Luiz. O que é cultura? Reflexões para uma sociedade (pós-)pandêmica. *Revista USP*, São Paulo, n. 140, p. 145-156, jan./mar. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/2024/03/10-textos-Magnus-Luiz.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2025.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem: ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2013. 552 p.